

A outra vereda*

Rosa Assis**

A memória é sempre atual, pois a qualquer momento podemos evocá-la. É vivida no eterno presente; aberta à dialética da lembrança e do esquecimento; alimenta-se de lembranças vagas, telescópicas, globais e flutuantes; e cria sentimento de pertencimento e identidade, etc (Cláudio Magalhães, Caderno Virtual de Turismo, v. 3, 2005)

Menina ainda, conheci Benedito Nunes na casa de meus pais, Celina e Machado Coelho. O tempo passou e acabamos também nos tornando amigos; por vezes ia até a Estrela – rua onde ele mora –, outras, vinha ele na Vinte e Cinco de Setembro – rua onde morei –, mas em nenhum momento precisávamos viver um na casa do outro para que nossa carinhosa amizade se tornasse cada vez mais próxima e sólida.

Sempre admirei o profundo conhecimento filosófico, crítico e literário de Benedito, suas inúmeras leituras tanto em português como em línguas estrangeiras. Benedito é, a meu ver, uma biblioteca viva.

Agora, conversando com Benedito, lembro-me, como se hoje fosse, quando ele foi meu professor num curso de Especialização na Universidade Federal do Pará; suas aulas e seus comentários acerca dos assuntos tratados encantavam a todos. Nos falava de Jakobson; as funções da linguagem, e recordando estes momentos não posso esquecer de citar JAPIASSÚ para quem “a memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente (**Dicionário básico de filosofia**, 1996, 178).

Mas, voltando ao Benedito, reitero o que já dissera antes: ele tem o dom de se expressar com precisão e profundidade; as palavras ditas ou escritas por este conhecedor do mundo e das coisas, sempre têm uma propriedade singular,

Ao lado:
Em 1949, na frente da casa da Gentil: Rita e Alonso Rocha; Benedito Nunes e sua tia Joana; os primos. À janela: tia de Benedito.

* Entrevista concedida à professora e amiga Rosa Assis, em 2009.

** Doutora em Língua Portuguesa. Professora da UNAMA-Universidade da Amazônia.

e isso sempre me encantou, independentemente do assunto tratado, por exemplo: do filosófico ao familiar. É um admirável prosador; gosta de conversar e dar boas risadas.

Recentemente conversamos, primeiro por telefone, e depois pessoalmente, quando entre risos e recordações lembramos de coisas várias, caminhando ora por vias do erudito, ora do familiar, sem perder aquele sabor de infância gostável. Na ocasião, eu disse ao Benezinho que gostaria muito de documentar aquilo que ouvira ele me falar a respeito de si mesmo, com muita descontração, pois quando saí de lá pensei nos ensinamentos de Pollak:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. (**Estudos históricos**, nº 3, **Memória POLLAK** e outros, 1992, 202).

e no que um dia lera em Drummond: “que riqueza, viver no tempo e fora dele” (**Boitempo & A falta que ama**, 1968, p. 48).

Tudo isso junto foi o estímulo para transcrever o que a memória afetiva de Benedito armazenou e depois ele mesmo escreveu para esta nossa publicação, numa espécie de entrevista lúdica. Ora, puxar pela memória é fazer uma pesquisa cronológica real, ir ao âmago de alguém para saber como foi o ontem, o que ele fazia, como se sentia, e mais e mais; no caso do entrevistado, quanto lemos o dito, logo percebemos que ele vive também a euforia do passado, tanto que facilmente de suas palavras escritas visualizamos imagens, ouvimos sons. São, portanto quadros vivos, porque vividos, que nos aparecem como se estivessem em uma exposição; é uma espécie de olhar por meio de palavras. Pode também o leitor formar a sua leitura visual e auditiva como se estivesse em frente de uma tela de cinema, vendo o ‘trem’ passar, por exemplo. A visão de Japiassu bem se enquadra no que afirmamos:

A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente. (JAPIASSÚ, 1996, 178).

Por tudo isso e muito mais é que disse recentemente a jornalista Adriana Klautau, ao me entrevistar sobre o amigo Benedito, que para mim ele é: sapiência-sabedoria. E lembrei também que a memória dele é muito presente, basta ele fazer uma pequena pausa, fechar os olhos que imediatamente afloram as lembranças-aulas de assuntos mais variados.

A memória, como se sabe, é algo tão forte, que muitos escritores se valeram dela para não apenas registrar, mas reviver, acordar, recordar, enfim, recomeçar o que deixaram apenas armazenado, jamais escondido num baú, ou mesmo guardado a sete chaves, facilmente localizadas numa torre, na casa de parentes, de amigos, nos bancos escolares, em férias curtas ou longas. A memória é capaz de fluir

rapidamente, basta um estímulo, tanto que um **ah!**, expresso por qualquer pessoa, nos traz à tona um ontem, que passa a ser, proustianamente, um hoje.

Ecléa Bosi, em **Memória e Sociedade** (1995, p.68) lembra Stern cujo excerto citado se ajusta a este caminho que estamos percorrendo:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.” (William Stern)

Em 1974, nas livrarias do Rio de Janeiro, (foi lá inicialmente que encontrei) aparece o **Baú de Ossos**, de Pedro Nava, título dos mais sugestivos, pois a lexia baú, metaforicamente, significa guardião de um passado, conceito enfatizado por Drummond, conforme excerto a seguir:

Pedro Nava surpreende, assusta, diverte, comove, embala, inebria, fascina o leitor, com memórias da infância, a que deu o título de **Baú de Ossos**. Seus guardados nada têm de fúnebre. Do baú salta a multidão antiga dos vivos pois este médico tem o dom estético de, pela escrita, ressuscitar os mortos. (Drummond, **Baú de surpresas**, 1999)

Assim, num jogo de memória verbo-visual-sonoro, cujo estímulo simples é: eu começo e tu terminas..., *traçamos* esta conversa que não tem cunho filosófico e nem de crítica literária, é tão somente ‘a outra vereda’, a da memória, pois esta sabe, senão vejamos.

Memória: do latim *memòria*, memória, relembrar; período alcançado pela lembrança; época, recordação narrada, relação¹.

Benezinho,

1. *A casa das tias...*

era risonha e franca... Com três quartos intercomunicantes, de portas abertas, um comprido corredor, faltava intimidade que eu mesmo haveria de criar.

2. *O Bibi...*

foi designação específica dos parentes Leal, moradores da Cidade Velha, onde eu e mamãe passávamos o fim de semana. Lá, Dona Miloca preparava homeopatia para as doenças leves.

3. *A primeira leitura...*

foi a **Caçada de Pedrinho**, de Monteiro Lobato. Esse livro me foi presenteado por um mendigo, a quem as tias davam semanalmente esmolas. Só pude lê-lo depois de longamente desinfetado pela comissão doméstica de higiene.

Em matéria de leitura estava confinado entre Homero e Shakespeare, ambos traduzidos pelo meu tio Carlos Alberto Nunes, durante anos meu principal fornecedor de livros.

¹ **Dicionário etimológico da língua portuguesa**, José Pedro Machado, Editorial Confluência, Portugal e Livros, Horizontes, Lisboa, 1957)

Ao lado:
Benedito, com sua mãe,
Maria de Belém Nunes

4. *O rapaz no Colégio Moderno...*

foi presidente do grêmio cívico, devia ser antipático e exibido. Aproveitou em grau máximo, a parte em francês da Biblioteca do Colégio Moderno. Era amigo do Serrão, o Augusto Serra, diretor do Colégio Moderno, com quem conversava longas horas. Seja dito, a bem da verdade, que teve uma vaga gratuita pra estudar nesse mesmo colégio.

5. *O estudante universitário...*

com Mário Faustino e Orlando Costa, dirigiu revistas literárias. Fase das grandes descobertas intelectuais, como a Filosofia da Existência e a participação política, assinando manifestos e frequentando o “Café Central” sob a liderança de Francisco Paulo Mendes.

6. *As férias tão somente: as do menino...*

lembro-me só de um período passado em Salvaterra. Com medo do tifo, que por lá grassava, e de bois, que vedavam a passagem dos barrancos.

7. *A casa da Estrela...*

quando nos instalamos na Estrela, o Marco ainda era um distante subúrbio, com o trem de Bragança apitando por volta das nove horas da noite. Hoje, apesar de grande, a casa tem livros em todos os cômodos.

8. *O teu escritório...*

por causa de seu formato, o escritório, num dos extremos da casa, é chamado de torre...

9. *O primeiro estudo publicado...*

foi sobre Clarice Lispector. Saiu em Manaus por obra e graça de Arthur César Ferreira Reis, numa edição do Governo do Estado do Amazonas, do qual ele, meu professor no Colégio Moderno de Belém, tinha sido organizador...

10. *Os amigos...*

os grandes amigos vieram cedo. O primeiro foi Haroldo Maranhão, com quem iniciei uma “fase acadêmica”. Tivemos uma academia dos novos. Na época conheci Max Martins, de frequência semanal em minha casa.

11. *Tempos do Marabu...*

foram tempos paradisíacos, que pouco duraram. Lá tivemos ilustres visitantes como Loparic e Foucault.

12. *E, agora, Bene? ... 80 anos!*

E agora, aos 80 anos, é preciso, recomeçar a tentativa de viver.

Parabéns, Benezinho

Foto: acervo Maria Sylvia Nunes



IV. Crônicas sobre Benedito Nunes

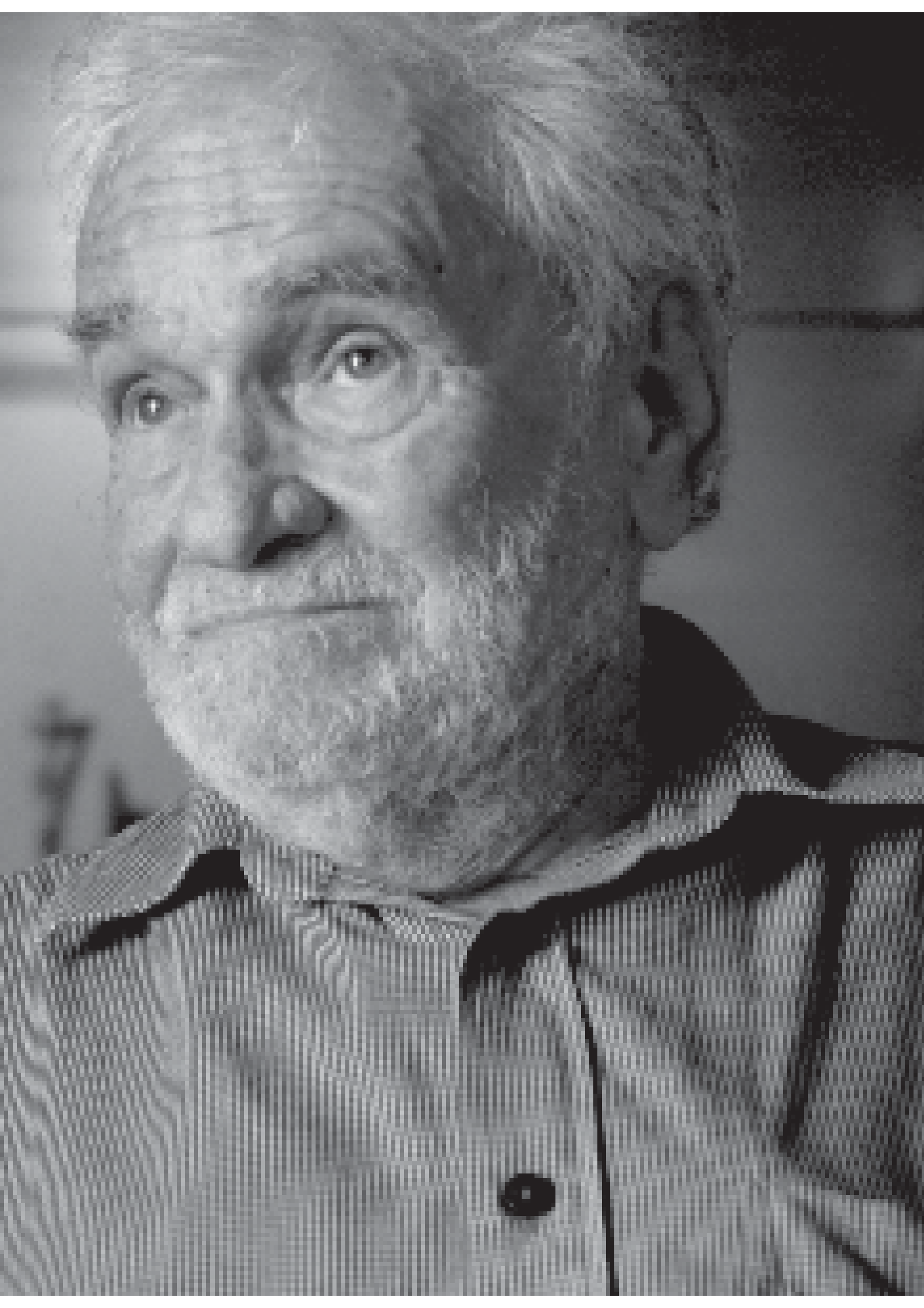




Foto: Elza Lima